

LAURENTINO GOMES: UM MENSAGEIRO.

RESUMO:

Como dar expressão àquilo que fervilha dentro de você, e que você quer compartilhar com acelerado sentido de urgência?

Alguns fazem isso pela palavra cantada; outros, por meio da palavra falada. Laurentino Gomes faz pela palavra escrita. Logo na abertura da palestra que proferiu para um salão lotado na sede social do Graciosa Country Club, em Curitiba, Laurentino Gomes deixou claro o propósito que o trouxera até ali: transmitir uma mensagem destinada a contribuir para a construção de um país melhor. Disse isso nas entrelinhas de suas palavras faladas. E também de suas palavras escritas.

AUTOR:

Ana Lucia Pretto Pereira – Bolsista de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Natural de Maringá, distante cerca de 400 km de Curitiba, Laurentino Gomes é praticamente um profeta. Tem uma mensagem. Cumpriu uma tarefa. Assumiu outras. Carrega consigo a vontade de dar cumprimento, com sentido de urgência, ao que entende ser uma parcela de responsabilidade na missão coletiva de trabalhar no presente pela construção no futuro de um país melhor.

Para transmitir sua mensagem, Laurentino tem dedicado pesquisa ampla e vertical sobre história do Brasil. Variando fontes nacionais e estrangeiras que abrangem de acervos particulares a plataformas digitais, Laurentino Gomes mostra que em sua veia jornalística corre o sangue de um autêntico - e inquieto - investigador. O resultado de suas pesquisas vem sendo mostrado em livros que contam um bocado de história do Brasil, de maneira clara, inteligente, com o manejo bem articulado de dados e com uma redação prazerosa que encanta os leitores, iniciados ou não nos temas trabalhados. A trilogia 1808, 1822 e 1889 é o carro-chefe de suas conclusões de pesquisa e também de boa parte do pensamento do autor, apresentando aos leitores fatos e circunstâncias históricas de três períodos decisivos na constituição do Brasil-República tal qual o conhecemos hoje: a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808, a Declaração de Independência, em 1822 e a Proclamação da República, em 1889.

O evento no Clube Graciosa destinava-se ao lançamento de seu mais recente livro, último da



trilogia, cujo título completo é “1889: Como um Imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil.” O autor proferiu palestra sob esse título, seguida de respostas à síntese das inúmeras perguntas que lhe foram feitas na ocasião.

Nas primeiras páginas do livro, Laurentino narra o golpe que derrubou a Monarquia e resultou na implementação forçada do regime republicano no país. Já ali é possível ver um exemplo claro de porquê instituições públicas eram, e ainda são, muitas vezes, constituídas com desconfiança no Brasil. Isso porque,

por um lado, mostra Laurentino, tínhamos um Imperador a quem faltavam convicções genuínas sobre a utilidade de seu próprio posto para o Estado e a sociedade de então; por outro lado, tínhamos um Marechal que, embora igualmente duvidoso de suas próprias certezas político-governativas, encabeçara movimento que culminaria na deposição do soberano. Quem, então, teria tido voz na implementação de um regime opositor de privilégios de classe, e acolhedor do trato coletivo de questões de interesse público?

Mais ainda: por que, pois, às vésperas do 15 de novembro de 1889, uma figura chave

na resolução do golpe teria declarado que “República no Brasil é coisa impossível, porque será uma verdadeira desgraça [...]. Os brasileiros estão e estarão muito mal educados para republicanos. O único sustentáculo do nosso Brasil é a Monarquia; se mal com ela, pior sem ela.”?

Uma compreensão adequada do tempo presente é exigente de conhecimento sobre dados do passado. Tendo em mente essa preocupação, Laurentino Gomes não se limita a pesquisar e sistematizar fatos - fatos? - narrados ao longo da história. Mais do que isso, traça paralelos com nossa vida cotidiana, com o que temos no Brasil de hoje e com aquilo que em nós suscita tanto orgulho quanto perplexidades. Já dono de tanta bagagem, Laurentino lança conclusões sobre nosso país. Diz que nós somos, ainda, uma “flor muito tenra”, pois o sentido brasileiro de República, ou seja, o sentimento de pertencimento a uma comunidade que se identifica em um espaço seu, de domínio coletivo, ainda é muito, muito jovem no Brasil. Eis a importância de se conhecer, e de se compreender, a história, a nossa própria história, e o que integra a nossa polis em constante formação. E eis, por outro lado, a importância do papel do jornalista para a construção dessa mesma história: todo jornalista de seu tempo é um provedor de dados para o historiador do futuro.

Fazendo um comparativo entre o Brasil que tivemos ontem, e o Brasil que temos hoje, Laurentino Gomes afirma: o Brasil, desde os tempos mais remotos, carrega como característica marcante um Estado forte, centralizado, interferente na vida de tudo e de todos. Esse tipo de Estado, nas palavras de Laurentino, seria um “indutor de corrupção”,

pois, por seu perfil, desestimula a cidadania, haja vista ser um Estado “de cima para baixo”. E, embora passados mais de cem anos desde o golpe que depôs D. Pedro II, o país ainda vive sob uma perspectiva monárquica, “freudiana de poder”, no dizer de Laurentino, sob o vulto do “pai que tudo resolve”, a quem sempre e irremediavelmente se recorre para a solução de toda a sorte de problemas. A assimetria do federalismo brasileiro é um claro exemplo disso: poder político descentralizado, sim; desconcentrado, não.

A respeito da tensão entre, por um lado, uma gestão das coisas públicas não sintonizada com os interesses da população e, por outro lado, uma maior participação política dos cidadãos nas esferas públicas de decisão, Laurentino Gomes observou o curioso fato de, muitas vezes, apontarmos criticamente à conduta desidiosa de nossos governantes quando, reversamente, temos um agir cotidiano que incorpora o princípio das mesmas más práticas que condenamos: desrespeito à lei e ao espaço do outro. E, naturalmente, o que cultivamos diariamente é o que chega às urnas e, saltando para outro nível, à direção dos rumos da nação: “Democracia não se faz no grito”, disse Laurentino, “e sim na participação. Muita gente lutou pelo voto, morreu por isso. É preciso passar essa ideia aos jovens de maneira muito forte.”

Em sua palestra, frente a tudo o que expusera, e tendo como base as pesquisas que resultaram no livro que levava a lançamento, Laurentino Gomes colocou a seguinte questão: eis o modo como nasceu a nossa República. O Brasil que temos é este que está aí. Cabe, agora, perguntar: uma vez constatado o que precisa ser feito para atingirmos os nossos objetivos, assumiremos a tarefa ou não?

Para essa pergunta Laurentino sugeriu três respostas, bastante pragmáticas e nada românticas: a primeira seria tomar posições de liderança. Afinal, insatisfeitos com nossas instituições, e com o modo pelo qual somos governados, a solução seria, portanto, que em lugar de apontar para o poder à distância o assumíssemos efetivamente, enquanto agentes para mudança. A segunda resposta seria ir embora do Brasil, simplesmente. Ora, se mudar o presente estado de coisas cobra um sentido de pertencimento que nos leve a cuidar daquilo que é nosso, e se esse sentido já não mais existe, que se deixe o país à sorte daqueles que aqui ficarem para conduzi-lo. Finalmente, a terceira solução seria reconhecer que, bem da verdade, nós não somos governados; somos, sim, governantes, temos poder de auto-governo e, se o país não anda como queremos, é porque a nós falta assumir, com garra e fôlego, a tarefa de tomar decisões adequadas para a construção de uma sociedade mais livre, mais justa e - muito - mais solidária.

Como disse o músico americano, o trem não para. É possível, por outro lado, escolher entre embarcar e desembarcar, participar e deixar

rolar, produzir e importar, construir e manter como está, enfim. O trem não para, as horas não param. A contribuição que podemos dar ao Brasil que queremos integra esse movimento.

E que Brasil queremos? Que Brasil podemos construir? Quem somos nós, os brasileiros, efetivamente? Seja como sonhadores, seja como realizadores, seja como um pouco de cada um ao mesmo tempo - mas, jamais, como nada de qualquer dos dois -, Laurentino Gomes, a partir de suas preocupações, deixa a sua mensagem, que é a seguinte: é preciso assumir um compromisso. Um compromisso com o acesso à informação, e com a formação de pessoas livres, autônomas e independentes. Com a formação de pessoas que se reconheçam em um país cuja democracia ainda é adolescente, é verdade, nas palavras do constitucionalista Clèmerson Merlin Clève, mas que almeja alcançar a maturidade sem abrir mão de seus sonhos, e de sua energia, ainda que enfrentando todas as dores do crescimento. Uma vez mais, a contribuição de Laurentino Gomes é esta: conheçamos o nosso passado, para entender o nosso presente e motivar ações dirigidas à construção do melhor futuro para o Brasil.